

# PANORAMA POLÍTICO



TEREZA CRUVINEL • de Brasília

## A viagem à Índia

• O presidente Fernando Henrique Cardoso embarca amanhã para a Índia, onde nunca esteve antes um presidente brasileiro, apesar da importância do relacionamento com aquele país, que guarda com o Brasil um patamar semelhante de desenvolvimento e interesses comuns na política internacional. Aqui já esteve a primeira-ministra Indira Gandhi, no ano de 1968.

A viagem de Fernando Henrique, que se segue à visita à China e à Malásia em dezembro, precede uma ida ao Japão, em março. Insere-se no esforço brasileiro de aproximação com os países asiáticos. Descontado o crescimento de nosso comércio com os países do Mercosul, é na direção asiática que as exportações brasileiras mais têm crescido nos últimos anos.

Para a Índia, em particular, elas saltaram de US\$ 125 milhões em 1993 para US\$ 621 milhões em 1994. As importações, bem menores, foram de US\$ 59 milhões e US\$ 74 milhões nos respectivos anos. Eles nos venderam têxteis, produtos químicos, rodas e material elétrico; compraram açúcar, ferro e outros minérios. Em novembro, aqui esteve uma delegação de empresários indianos. Agora, juntamente com o presidente, mas por conta própria, 18 ou 20 empresários brasileiros estarão lá, abrindo oportunidades de negócios.

Mais importantes, porém, como ressalta o Itamaraty, são as possibilidades de intercâmbio na área de ciência e

tecnologia. Como o Brasil, a Índia deu saltos de qualidade em algumas áreas, e elas são complementares. Informática e biotecnologia, por exemplo. Alguns acordos serão assinados durante a viagem.

Uma diferença política sempre dificultou a aproximação. Os indianos têm orgulho de sua prática democrática ininterrupta. O pretexto da viagem de Fernando Henrique é exatamente participar da data nacional, o 26 de janeiro, quando celebram os 49 anos de fundação da República. A cada ano o Governo indiano convida apenas um presidente estrangeiro para a festa.

Hoje, além da democracia, os dois países vivem um processo comum de abertura comercial e têm interesses convergentes em política internacional. Tendem a se apoiar mutuamente, por exemplo, na busca das vagas adicionais no Conselho de Segurança da ONU. A da Ásia será disputada por Japão e Índia. A da América Latina, por Brasil e Argentina.

O Planalto só espera que os aliados políticos, desta vez, não tumultuem a viagem com crises internas.